


Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 131839
Título: Problemas – Falta de organização trava desenvolvimento					Temática: Generalista	GRP: 11.7
2006/09/10	JORNAL DE NOTÍCIAS – PRINCIPAL		Pág.4		Imagem: 1/1	Periodicidade: Diaria



Nove mil agricultores do Douro têm menos de mil metros quadrados de vinha

Problemas Falta de organização trava desenvolvimento

- Criação da Unidade de Missão do Douro é encarada como a solução
- Falta de interacção entre agentes públicos e privados penaliza a região

Eduardo Pinto

Depois de tantos anos a debater os verdadeiros problemas estruturais que impedem o desenvolvimento do Douro, bem como a forma de os debelar, conclui-se, afinal, que o grande problema, que abraça todos os outros, é a falta de organização. É por isso que tantos estudos e diagnósticos feitos para a região quase nunca passaram do papel e das boas intenções. Falta quem coordenasse e executasse a estratégia no terreno. O Governo acaba de criar a Unidade de Missão do Douro (UMD), e muitos já acreditam que desta vez é que é.

A expectativa recai agora na nomeação de quem a vai gerir, sendo que os autarcas já traçaram o perfil: que seja do Douro, que conheça os seus problemas, que tenha comprovada capacidade de trabalho e, sobretudo, que fique a trabalhar na região, directamente com as entidades públicas e privadas ali sediadas.

O homem que muitos autarcas gostariam de ver à frente dos destinos do Douro, Ricardo Magalhães, vice-presidente da Comissão de Coordenação de Desenvolvimento da Região Norte, opina mesmo que a questão-chave do Douro é "um sentido estratégico que se execute", pois está convencido de que "há uma ala do inferno cheia de

planos inacabados, alguns deles em combustão lenta".

A UMD vai ter pela frente uma árdua tarefa: impedir que os agentes continuem de costas voltadas. Ou seja, sentar à mesma mesa público e privado, quem faz agricultura ou cultura, quem promove o turismo e a preservação da paisagem, entre outros. "Há demasiados agentes que não se sentam à mesma mesa", opina Ricardo Magalhães. Por outro lado, "há burocracia a mais para aprovar projectos", acrescenta Francisco Lopes, presidente da Câmara Municipal de Lamego.

Na viticultura, principal pilar económico da região, a actual estrutura fundiária é vista por Mário Abreu Lima, vice-presidente do Instituto dos Vinhos do Douro e

Porto, como o principal "entrave" ao desenvolvimento. "Nove mil agricultores do Douro têm menos de mil metros quadrados", observa, acreditando que só com escala é que a região se tornará competitiva. "Reestruturar a vinha, melhorar a qualidade do vinho, baixar os custos de produção e incrementar a formação profissional" são primordiais para José Manuel Santos, presidente da União das Adegas Cooperativas do Douro.

Só que os viticultores estão cada vez mais velhos e não se vislumbra que muitos jovens queiram vir ocupar o seu lugar. "Só com muito investimento do Governo na região se inverte o cenário", atira o presidente da Câmara Municipal de Vila Flor, Artur Pimentel. E esse investimento obrigará a dotar a região de boas estradas. A auto-estrada n.º 24, que liga Lamego a Vila Real, é bom começo, mas falta duplicar o IP4, concluir o IP2 e construir o IC5 e o IC 26, respectivamente, de vital importância para os municípios das margens norte e sul do rio Douro.

"É impensável que, ainda hoje, de Freixo de Espada à Cinta até à Régua se demore cerca de três horas", realça Abreu Lima. O edil de Lamego lembra, em conclusão, que "não deixa de ser um paradoxo ter uma região com um potencial vinícola e turístico tão rico e reconhecido, mas que continua a ser uma das regiões mais pobres da Europa".

“É um paradoxo uma região com um potencial vinícola e turístico tão rico ser uma das regiões mais pobres da Europa”